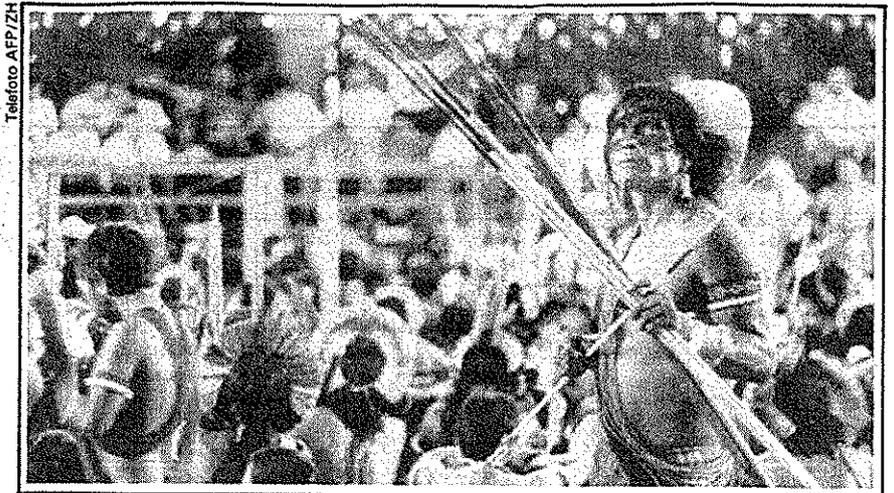


# Tensão no segundo dia do encontro no Xingu

O segundo dia do Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, em Altamira, no interior do Pará, foi marcado pelo protesto dos índios contra a construção da hidrelétrica de Kararaô. Pintados de guerra, os índios chegaram no Centro Comunitário de Altamira cantando e dançando para atrair bons espíritos, tudo documentado pelo cacique da tribo Caiapó e sua câmera importada. Sentados no chão, os índios eram protegidos por guerreiros com arco e flecha, enquanto era aguardada a palestra do representante da Eletronorte, empresa responsável pela construção da hidrelétrica do Xingu, José Antonio Muniz.

Durante a palestra, o clima no Centro Comunitário foi tenso. O cacique Caiapó chegou a agitar sua lança na frente do representante da Eletronorte, dizendo que não admitia a construção da usina em qualquer lugar dorio. Muito irritada, uma índia Caiapó, chamada Tuirá, chegou a dizer que não acreditava no homem branco. De repente, com um facão, ela tocou no rosto de José Muniz, que ficou nervoso. Para acalmar o diretor da Eletronorte, o cacique passou a mão na sua cabeça, dando garantias de que



Índio da tribo Xavantes monta guarda durante o encontro no Xingu

sairia do encontro sem qualquer arranhão. O recado era óbvio, os índios não admitem a construção da hidrelétrica, mas não pretendem agir com violência. O diretor de Planejamento e Engenharia da Eletronorte, José Muniz, disse que a construção da usina é uma necessidade para a região. Ele informou que se a

usina não for construída, o Brasil terá que gastar NCz\$ 10 bilhões a mais com energia.

Construir ou não a hidrelétrica do Xingu, agora, pode ser uma decisão do Congresso Nacional, para onde o assunto vai ser levado por políticos e autoridades.

## Ecologista teme devastação total da Amazônia

O engenheiro agrônomo e ecologista gaúcho José Lutzemberger, que recentemente recebeu o prêmio Nobel Alternativo de Ecologia, disse ontem em Belém que não passa de "uma safadeza" os comentários feitos por representantes do governo brasileiro sobre a ameaça de internacionalização que estaria por trás das propostas feitas no exterior para preservação dos recursos naturais da Amazônia. Lutzemberger disse que ano passado esteve sete vezes na Europa e outras duas na América do Norte e nunca ouviu falar sobre proposta de internacionalização da Amazônia.

"O que existe é uma preocupação com a incapacidade do governo de conter a devastação da região", José Lutzemberger, que participou ontem em Belém do "Tribunal Amazônico da Natureza — o Estado brasileiro no banco dos réus", afirmou ainda que, ao contrário do que diz o governo, não está ocorrendo na Amazônia uma política de desenvolvimento, mas sim "uma guerra de rapinas" de forças externas à região, uma aliança entre o sul industrial e a tecnocracia internacional. "O que está havendo no exterior é medo diante do que está acontecendo na região. A pressão é para que o governo proteja a Amazônia, ninguém está querendo tirar nada, isso é safadeza do governo". Ele mostrou-se ainda revoltado com a continuidade da devastação amazônica, citando dados de 1987 do INPE refe-

rentes à queimada de uma área de 210 mil quilômetros quadrados.

Segundo Lutzemberger, no ano passado a queimada foi pelo menos 50% maior que a do ano anterior. "A taxa de devastação é tão grande que por volta do ano 2.000 a 2.010 teremos situações irreversíveis, com a mudança do clima no mundo", disse o ecologista. Ele defendeu o fim dos incentivos fiscais para a região, "utilizados para derrubar a floresta e plantar capim". O presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan) fez também duras críticas à construção das barragens das hidrelétricas na Amazônia.

Para ele, essas barragens só servem aos grandes empreendimentos. Lutzemberger considerou a hidrelétrica de Balbina, inaugurada há poucos dias no Estado do Amazonas, "uma imbecilidade" e que a construção de Kararaô, no rio Xingu, será um absurdo. "Precisamos de uma tecnologia que se oriente nas necessidades reais da humanidade e não para atender as exigências dos tecnocratas", disse Lutzemberger, que considerou uma vitória dos grupos de ecologistas as restrições que estão sendo feitas por organismos como o Banco Mundial para a liberação de recursos para financiar grandes obras no Brasil. (AE)

## Prefeito de Volta Redonda morre em acidente de carro

Um violento acidente de automóvel matou ontem o prefeito de Volta Redonda (RJ), José Juarez Antunes (PDT), de 45 anos. O desastre aconteceu por volta das 6h30min de ontem, quando o carro que ele viajava, uma Farati da prefeitura de Volta Redonda, placa AS-0717, saiu da pista e chocou-se de frente com uma árvore, no quilômetro 360, da BR-040, rodovia Brasília/Rio, no município de Felixlândia, a 180 quilômetros de Belo Horizonte.

Juarez Antunes, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda e ex-deputado federal, estava acompanhado apenas do motorista, Alberto Vicente da Cruz, 38 anos, que teve somente ferimentos leves e foi liberado após ser medicado no Hospital Comunitário de Felixlândia. O prefeito teve morte instantânea e, segundo o médico Fausto Arantes dos Reis, que assinou o atestado de óbito, foi difícil a reconstituição do crânio, que ficou esmagado: "Ele teve um traumatismo craniano com perda de massa encefálica, hemorragia externa e fratura exposta do antebraço direito", informou o médico. Já o motorista fraturou duas costelas e teve um pequeno corte no braço direito. Segundo informações, os dois haviam saído

de Volta Redonda às 23 horas de segunda-feira com destino a Brasília. O corpo de Juarez Antunes foi velado na Câmara Municipal da cidade e o enterro marcado para hoje.

### Carisma

A notícia da morte de Juarez Antunes provocou consternação em Volta Redonda. O comércio e as escolas fecharam e os empregados da Companhia Siderúrgica Nacional deixaram o trabalho para homenagear o prefeito. O impacto da morte do prefeito de Volta Redonda deve-se sobretudo a personalidade e ao carisma de Juarez Antunes.

Eleito com larga maioria para ocupar a chefia da municipalidade, Antunes, se não chegou a se destacar no exercício parlamentar, como constituinte, revelou-se durante a grave crise de Volta Redonda, em novembro do ano passado, quando o Exército ocupou as dependências da Companhia Siderúrgica Nacional para reprimir uma greve em que morreram três operários, num comandante excepcional, capaz de conduzir com inteligência e segurança um movimento grevista que por pouco não se transforma no estopim de uma grave crise nacional. Mineiro de Estrela Dal-

va, casado e com um filho, Juarez Antunes chegou a Volta Redonda em 1956, empregando-se na CSN como ajudante de cozinha e chegando a assumir, durante várias ocasiões, o posto de cozinheiro-chefe na empresa.

### Prestígio

Em 1983 foi eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, com 70% dos votos. Foi reeleito em 1986, com uma margem de votação ainda maior: 86,2%. Naquele mesmo ano elegeu-se deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT), com 83% dos votos apurados na cidade.

Mas acabou desligando-se do PT em razão de divergências ideológicas, para ingressar no PDT. Carismático e autoritário, Juarez Antunes encarnava a figura de um líder à antiga no cenário sindical brasileiro. Mas, o movimento grevista, inegavelmente, reforçou consideravelmente o prestígio de Antunes nas urnas. É verdade que ele não tinha adversários a altura, mas o balanço dos acontecimentos de novembro reforçou o seu prestígio, recebendo mais de 45% da votação para a prefeitura da cidade. (AE/AJB/ANDA)